



<http://dx.doi.org/10.30681/real.v11i2.3371>

A LITERATURA ENGAJADA NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL AFRICANO

Adilson Vagner de Oliveira (IFMT)¹
Luana Gabriely de Almeida Campos (IFMT)²
Andreina de Oliveira (IFMT)
Juliana Dias Scariote (IFMT)
Lorrayne Pareci de Matos (IFMT)

Resumo: Este trabalho tem como principal finalidade analisar obras das literaturas africanas com importantes características dialógicas com o engajamento político comum às produções ficcionais pós-coloniais. A partir dos procedimentos metodológicos apresentados por Carvalho (2006) para fundamentar as discussões teóricas sobre os pressupostos da literatura comparada, buscou-se traçar um panorama analítico entre obras literárias de diferentes países africanas. Desse modo, analisou-se um conjunto de narrativas formado pelos romances: *Hibisco roxo* (2011) de Chimamanda Adichie da Nigéria, *O planalto e a estepe* (2009) de Pepetela e *Bom dia camaradas* (2001) de Ondjaki de Angola, e por fim *O último voo do flamingo* (2005) de Mia Couto de Moçambique, com o objetivo de apresentar a forma como os elementos políticos foram abordados nessas produções.

Palavras-chave: Política. Engajamento. Literaturas Africanas. Literatura Comparada.

Abstract: This paper aims to analyze works of African literatures with important dialogical characteristics with the political engagement common to postcolonial fictional productions. Based on the methodological procedures presented by Carvalho (2006) to base theoretical discussions on the assumptions of comparative literature, we attempted to draw an analytical framework of literary works from different African countries. Thus, a set of narratives formed was analyzed, such as: *Purple hibiscus* (2011) of Chimamanda Adichie from Nigeria, *The plateau and the steppe* (2009) of Pepetela and *Bom dia camaradas* (2001) of Ondjaki from Angola, and finally *The last flight of the flamingo* (2005) of Mia Couto from Mozambique, with the purpose of presenting the way the political elements were approached in these productions.

Keywords: Politics. Engagement. African Literatures. Comparative literature.

1. INTRODUÇÃO

As análises realizadas sobre os universos literários africanos tendem a ser construídas sob uma perspectiva seletiva que busca reconhecer um padrão estético e temático entre as produções literárias africanas (CHABAL, 1994; CHAVES, 2005; FONSECA, 2008). Desse modo, a partir recortes críticos que contribuem na identificação de sistemas detalhados de estudos dessas

¹ Professor do Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT, *Campus* Avançado de Tangará da Serra. Mestre em Estudos Literários. Doutor em Ciência Política. E-mail: adilson.oliveira@tga.ifmt.edu.br

² Bolsistas de Iniciação Científica do CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa “Literaturas Africanas em Perspectiva comparada: História, Política e Sociedade”.



produções, tem-se a enorme contribuição da crítica literária para a edificação de um quadro comum de investigação.

Porém, a complexidade de tal tarefa, visto que temos como desafio as muitas Áfricas no caminho e, portanto, inúmeras literaturas que se fortalecem, não somente por sua sistematização em si, mas principalmente por sua qualidade. Tendo em vista, este desafio enorme, o trabalho se propõe a elaborar uma perspectiva investigativa sobre as literaturas africanas. Este texto tem o objetivo de apresentar um panorama temático sobre as produções literárias na África, traçando paralelos entre essas literaturas. No intuito de fornecer um caminho crítico sobre as possibilidades de leitura desse universo poético em que literatura, história e política se dialogam a todo o momento. Trata-se, evidentemente, de um recorte analítico que se propõe a demonstrar apenas uma perspectiva possível de se adentrar ao estudo das literaturas africanas.

Neste trabalho foram abordadas as características da literatura engajada, com enfoque especial aos aspectos políticos da África no período pós-colonial, com o objetivo de relacionar os procedimentos criativos para absorver os fenômenos políticos e retratá-los em diferentes romances, devido às influências histórico-culturais de seus colonizadores, para que seja estabelecido um parâmetro de ligação entre elas, buscando assim englobar o continente como um todo. Para esse empreendimento investigativo, analisaram-se as obras literárias da Nigéria, Angola e Moçambique, sendo elas, *Hibisco roxo* (2011) de Chimamanda Adichie, *O planalto e a estepe* (2009) de Pepetela, *Bom dia camaradas* (2001) de Ondjaki, e *O último voo do flamingo* (2005) de Mia Couto.

2. A discussão política nas literaturas pós-coloniais

As literaturas pós-coloniais africanas possuem uma característica comum de profundo engajamento político (ABDALA JUNIOR, 2007). Desse modo, é de possível compreensão que a literatura engajada deve ser tomada assim devido ao envolvimento da escrita literária e o social, a partir de fatos políticos discutíveis socialmente na contemporaneidade ou relativos a fatos históricos (DENIS, 2002).

Para se compreender melhor o conceito de literatura engajada, pode-se citar a reflexão de Denis (2002, p.09) ao mencionar que a literatura engajada “designa uma prática literária estreitamente associada à política, aos debates gerados por ela e aos combates que ela implica”, ou seja, não é o simples ato de relatar os fatos políticos e sociais ocorridos em uma sociedade, mas refletir e discutir o tema com profundidade pelo viés da literatura.



Para Rancière (2004), em literaturas engajadas a presença dos fatos políticos e históricos na composição ficcional revelam uma estreita relação entre o que se vê na realidade e o que pode ser dito na escrita literária. Pois, o envolvimento com a política significa se envolver com as relações de poder, autoritarismos e resistência. “A política da literatura significa, portanto, que a literatura como literatura está envolvida nesta partição do visível e do que se pode dizer, neste entrelaçamento do ser, fazendo e dizendo que enquadra um mundo comum polêmico” (RANCIÈRE, 2004, p.160).

Assim como Sartre (2004) faz afirmações quanto à necessidade de haver engajamento na literatura, visto que a mesma pode ser a representação de aspectos vividos na sociedade cotidiana e que devem ser discutidos, sendo assim, a própria arte da escrita anseia por engajamento “é em nome da própria opção de escrever que se deve exigir o engajamento dos escritores” (SARTRE, 2004, p. 33).

No cenário africano, as literaturas pós-coloniais não se distanciam das perspectivas citadas por Sartre em sua obra “O que é a literatura?”, pois são abordados fatos reais vivenciados pelos indivíduos nativos, e não mais contatos apenas pelos ex-colonizadores, os quais mascaravam as características reais da África, ressaltando as peculiaridades do local, tais como a natureza e a vida social do ponto de vista burguês colonial (SANTOS, 2013).

É relevante destacar que as obras literárias são influenciadas diretamente pelo contexto político e social experimentado por um autor ou por um povo. Desse modo, se torna difícil separar o contexto histórico em que a escrita literária está inserida. Como aponta Estevam (2011, p.13) “é impossível separar o homem político do escritor, pois este deve escrever suas experiências calcadas na realidade, mesmo que o conteúdo de sua ficção possa estar distante no tempo ou no espaço”. Do mesmo modo, Ezra Pound (1970, *apud* MONTEIRO, 2016) destaca este fator ao comparar os artistas como “antenas de suas épocas”, pois os mesmos captam as influências políticas, literárias e filosóficas de suas realidades e representam de forma expressiva em suas obras.

Para um autor discorrer de forma autêntica sobre a vida política de uma sociedade é necessário que o mesmo realize um profundo estudo sobre a reação das demais pessoas envolvidas em relação à vida política de sua nação, para que desse modo ele reflita em suas obras a realidade legítima do enfrentado por um povo. Aos termos de Medeiros e Pantoja (2015, p.22-3), “O engajamento implica numa reflexão do escritor sobre as relações que trava a literatura com a política e com a sociedade em geral”.



Assim, os escritores são sempre chamados à tomada de posição diante dos eventos históricos e políticos, seja qual for esse posicionamento ético, é isso que deve ser compreendido como o engajamento, o autor torna-se, consciente ou inconscientemente, uma figura que intervém de maneira crítica a esfera pública (PARANHOS, 2012).

Como ainda pontua Said (2012), é nessa perspectiva que os escritores engajados assumem maiores responsabilidades sociais e políticas ao produzirem textos que se defrontam com o poder e buscam dizer a verdade às autoridades atuais históricas. Portanto, o escritor deve ser visto como “um intelectual que testemunha a experiência de um país ou de uma região, dando a essa experiência, portanto, uma identidade inscrita para sempre na agenda discursiva global” (SAID, 2012, p.29).

Dessa forma, subentende-se que a literatura engajada mesmo que descrita por vários autores com diferentes pontos de vista, são direcionadas a uma mesma premissa, a qual consiste no envolvimento dos fatos políticos em obras literárias, demonstrando o caráter dialético das produções.

3. Os fenômenos políticos na literatura de Chimamanda Adichie: um estudo crítico sobre o romance *Hibisco Roxo*

A política, direta ou indiretamente, influencia de forma relevante as produções artísticas e literárias de um país. Nas literaturas africanas este aspecto pode ser facilmente evidenciado, especialmente nas obras de Chimamanda Adichie, que muitas vezes de forma sutil retrata a vida política e social vivenciada pelo povo nigeriano. Em sua obra *Hibisco Roxo* (2011), a autora apresenta de forma criativa as condições vivenciadas pela protagonista, ao longo de um golpe de Estado ou as más condições enfrentadas por seu povo.

Além das questões políticas, vários fatores influenciam no desenrolar do romance, Campos (2015) relatou as manipulações das etnicidades como forma de controle social na obra, Müller (2017) destacou o florescer das vozes feministas na literatura nigeriana, Oliveira (2013) descreveu os deslocamentos e estratégias de resistência e Teotônio (2013) relacionou a busca por uma modernidade própria e o transculturalismo. Essa diversidade temática presente na obra literária demonstra a maneira como a autora detém uma grande riqueza de informações e conhecimentos em relação a vários elementos históricos e sociais, especialmente por ser uma mulher negra no continente africano onde a imposição da cultura tipicamente europeia sempre demonstrou ser um fator de choque constante.



No que se refere ao enredo, a narrativa gira em torno de Kambili uma adolescente nigeriana que, diferente da realidade enfrentada em seu país, vive em uma família com boas condições financeiras. Seu pai é dono de grandes indústrias e um importante jornal do país, porém a personagem convive com uma constante opressão causada pela excessiva religiosidade de seu pai. Ela e Jaja, seu irmão mais velho, os dois são submetidos a regras e normas demasiadamente excessivas, além de conviverem com a extrema submissão e a violência enfrentada por sua mãe Beatrice.

Eugene, pai de Kambili, é um empresário de grande influência na mídia social, devido ao fato de administrar o *Standard*, um jornal de cunho político que criticava ações governamentais que não lhe apresentavam vantagens, conseqüentemente seus filhos, através de diálogos e ações cautelosas, absorviam informações do que se passava além dos muros de sua casa.

Eles tinham chegado numa picape com placa do governo federal e estacionado ao lado dos arbustos de hibiscos. Não se demoraram muito. Depois, Jaja me contou que eles tinham vindo subornar Papa, que ele os ouvira dizer que a picape estava cheia de dólares. (ADICHIE, 2011, p.16)

Apesar da personalidade violenta demonstrada a sua família, Eugene é visto pela sociedade como um homem político de bem, que luta pelos interesses da população mais pobre, este fator pode ser observado na fala do padre da paróquia durante a missa:

Vejam o irmão Eugene. Ele poderia ter escolhido ser como outros Homens-Grandes deste país, poderia ter decidido ficar em casa e não fazer nada depois do golpe, para não correr o risco de ver seus negócios ameaçados pelo governo (ADICHIE, 2011, p.10-11).

Kambili, por ser ainda muito jovem, não compreende de forma abrangente as manifestações políticas que ocorrem em sua nação, desse modo tudo que absorve é o que lhe é permitido estar em contato. A Nigéria vivia uma situação de crise política e econômica e conseqüentemente acaba sofrendo um golpe militar, caracterizado por um ditador totalitário nomeado como Chefe de Estado. A jovem descreve de forma sutil a implantação da ditadura em seu país, o seu primeiro contato com este novo governo se dá quando Kambili, durante um momento entre família, ouve em um rádio o anúncio realizado para que a população esteja ciente do novo governo.

Um general com um forte sotaque hausa começou a falar, anunciando que ocorrera um golpe que havia um novo governo. Em pouco tempo, saberíamos quem era o novo chefe de Estado (ADICHIE, 2011, p.30).



Logo após o ocorrido Kambili presencia a revolta de seu pai ao ouvir a notícia, de imediato ele se dirige ao seu escritório para telefonar para Ade Coke, editor de seu jornal, para iniciar a cobertura em relação ao golpe ocorrido. Quando volta à sala, ele deixa de forma evidente sua opinião, ao explicar a seus filhos sobre a política do país:

Golpes levavam a mais golpes, disse Papa, contando-nos sobre os golpes sangrentos dos anos 1960, que acabaram se transformando em uma guerra civil logo depois que ele deixou a Nigéria para ir estudar na Inglaterra. Um golpe sempre iniciava um ciclo vicioso. Militares sempre derrubariam uns aos outros simplesmente porque tinham como fazer isso e porque todos ficavam embriagados pelo poder (ADICHIE, 2011, p.31).

Eugene destaca a luta pelo poder, no qual alguns derrubavam outros para se fortalecerem e aumentarem seu poder e influência, através deste ponto de vista ele publicava as matérias do *Standard*, criticando de forma evidente a ditadura e os totalitaristas, logo procurava sempre descrever as falhas da política local e o modo como os ministros de gabinetes criavam contas no exterior para roubar o dinheiro destinado para pagar o salário de professores e realizar melhorias na vida da população. Dizia também que os Nigerianos necessitavam de uma nova democracia e não de soldados para os governarem. Conseqüentemente seu jornal era duramente perseguido e ameaçado pelos militares.

Mama hesitou e depois falou alguma coisa com Sisi. Ela voltou a falar comigo e contou que no dia anterior haviam aparecido alguns soldados nas pequenas e discretas salas onde funcionava a redação do *Standard*. Ninguém sabia como eles tinham descoberto sua localização. Eram tantos soldados que as pessoas que estavam na rua haviam dito a Papa que haviam se lembrado de fotos do fronte da época da guerra civil. Os soldados levaram todas as cópias do jornal, destruíram móveis e impressoras, trancaram as salas, levaram as chaves e colocaram tábuas sobre as portas e janelas. Ade Coker fora preso de novo (ADICHIE, 2011, p.157-158).

Além da opressão sofrida pelo pai de Kambili o mesmo se refletia em toda a população que demonstrasse qualquer sinal de revolta em relação ao governo central. Para o Estado evidenciar o seu poder e controle em relação a todo povo, soldados armados eram vistos por todas as ruas nas cidades, para que todos enxergassem quem detinha o poder e estava acima de todos, até mesmo da própria lei.

Nas semanas seguintes, quando Kevin passava pela estrada Ogui, víamos soldados em barreiras montadas próximas ao mercado, andando de um lado para o outro e acariciando suas longas armas (ADICHIE, 2011, p.33).



Ao decorrer da narrativa Kambili, de certa forma, foge da realidade que lhe é apresentada em sua casa, caracterizada pelo abuso de poder e violência de seu pai, ao passar um período na casa de sua tia Ifeoma, uma mulher de características evidentemente engajadas, que luta pelos seus ideais e não tinha medo de se expressar através de palavras, demonstrando assim através de diálogos e atitudes a realidade enfrentada por uma mãe solteira e professora universitária na Nigéria.

Ifeoma por ser uma professora expressiva e ter grande respeito na universidade foi acusada por influenciar as revoltas ocorridas por mãos de seus alunos. Esses tinham colocado fogo na residência do administrador e nos carros da universidade. Desse modo sofre uma grande opressão, assim como todos aqueles contrários ao golpe. Certa noite se depara com a chegada de militares armados em sua casa, para procurarem algo que a pudesse acusar de alguma forma.

Estamos aqui para fazer uma busca em sua casa. Estamos procurando documentos cujo objetivo é sabotar a paz da universidade. Fomos informados de que você está colaborando com os grupos de estudantes radicais que organizaram os protestos (ADICHIE, 2011, p.243).

Por consequência da falta de liberdade e oportunidades, Ifeoma e seus filhos se mudam para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida. Kambili após a morte repentina de seu pai, provocada por envenenamento por mãos de Beatrice, se encontra em uma nova situação, seu irmão é preso para proteger sua mãe e apenas é solto três anos mais tarde quando o chefe de Estado falece, renovando assim o governo do país. Agora livre da coerção de seu pai e do governo, a jovem finalmente vivência um pouco da liberdade que sempre almejou.

Desse modo pode-se destacar que através das falas e discursos apresentados no romance a autora evidencia a insatisfação da população nigeriana em relação às diversas tentativas da implantação de uma ditadura militar no país, demonstrando conseqüentemente a imposição de um controle absoluto e ausência de liberdade de expressão na presença de um Estado autoritário.

4. O engajamento político na obra *O planalto e a estepe* de Pepetela

A obra *O planalto e a estepe* (2009) do escritor angolano Pepetela, é um romance que possui como característica principal a sua intertextualidade da política e história do século XX, por meio de uma narrativa amorosa. O autor aborda os fatos ocorridos durante o período de



estabelecimento da União Soviética, apontando os padrões do regime socialista na Rússia, Mongólia, Angola e Cuba. Assim como explana sobre a diferença entre esses países e Portugal, que vivia uma era já caracterizada pelo capitalismo.

PePETELA narra a vida de Júlio, um jovem que vive inicialmente em Angola, um país que estava passando por um processo de luta pela independência de Portugal, onde grande parte da classe burguesa são colonialistas, ou seja, “os que querem que os africanos sejam sempre inferiores, sem direitos de gente na sua própria terra” (PEPETELA, 2009, p.23). O rapaz também relata a predominância de preconceitos raciais neste período e também a forma equivocada da implantação do socialismo, juntamente com a resistência ao mesmo.

O João devia ser amigo dos brancos, era obrigado pela lei e pela Igreja a ser amigo dos brancos, senão levava porrada. Os brancos é que não deviam ser amigos dos pretos (PEPETELA, 2009, p.22).

Ao decorrer do romance, Júlio decide ir fazer faculdade em Portugal, um país já regido pelo capitalismo, onde logo começa a ser oprimido devido ao fato de ser Angolano, o país que estava lutando contra os domínios de Portugal. Então o jovem se vê diante de uma luta que vai além da independência, uma luta sobretudo de padrões políticos, entre o socialismo e o capitalismo, sobretudo após as revoltas ocorridas no ano de 1961.

O mundo era diferente, a partir daí. Também os homens de gabardina e chapéus na cabeça que nos vigiavam nas ruas e procuravam ouvir as conversas nos cafés atulhados de estudantes. Se já antes o ambiente se revelava acanhado, agora abafava. Uns estudantes foram presos aqui e ali (PEPETELA, 2009, p.29).

Conforme descrito por Cunha (2011), tais revoltas fazem referência a data de 4 de Fevereiro e do 15 de Março de 1961, que ocorreram na realidade de Angola e tornaram-se uma referência nas lutas contra o colonialismo, o que de fato não foi somente um confronto entre colonizados e colonizadores, mas objeto internacional de diversos interesses, o qual se caracterizou pela contribuição à luta pela liberdade.

Desta forma o autor demonstra as façanhas predominantes em um regime totalitário, o qual oprime as opiniões contrárias, sendo por muitas vezes de maneira fatal. Alguns protestos ocorrem e são rapidamente repelidos e abafados por autoridades locais, ocasionando certas mortes, especialmente aqueles de pulso mais resistentes. Como o caso narrado na obra de um protestante negro que por não se submeter a certas ordens, em uma noite acaba levando um tiro



na cabeça por colonialistas armados, os quais deram a desculpa de que o protestante tinha pose de terrorista.

O protagonista da narrativa decide fugir do país para ir à Rússia, pois possui a mesma política de governo que seu país natal e serem aliados da luta pela instalação do socialismo, tendo assim a certeza de que seria acolhido e conseguiria concluir sua faculdade.

Ao chegar à União Soviética, Júlio faz alguns amigos de origem africana, os quais possuíam os mesmos ideais revolucionários. Então, sempre que possuíam liberdade, de preferência afastados de outras pessoas, comentavam sobre os assuntos que acreditavam ser um equívoco do regime socialista, pois estavam presenciando.

Além desse fator, o qual não foi o suficiente para fazê-lo desistir de seus objetivos socialistas, também havia o fato que as outras pessoas desconfiavam de seus ideais por ser branco e lutar pela independência da Angola, já que os brancos que a haviam colonizado.

Um branco quase louro era angolano e queria lutar pela independência? Então não eram os brancos que colonizaram Angola? Curiosamente, os primeiros a me estenderem a mão foram os africanos (PEPETELA, 2009, p.33).

Na universidade de Moscou ocorre um encontro entre Sarangerel e Júlio, a personagem fixa os olhos na garota, bruscamente encantado pelo seu rosto redondo. Ao longo dos dias e das conversas ele soube que a garota vem da Mongólia e que o pai dela era alguém de classe média alta. Logo em seguida devido ao sentimento mútuo, inicia-se o namoro entre os dois.

Todavia Júlio descobre que o pai de Sarangerel era um dos líderes do socialismo na Mongólia, após receber com surpresa a gravidez da filha toma medidas severas para impedir o namoro. Ambos decidem não abortar o filho e até mesmo passam a pensar em casamento. Entretanto, por possuir muito poder, o líder mongol não aceitava que sua filha se relacionasse com alguém que não fosse de seu país, pois o importante para ele era manter o controle, então o casamento de sua filha deveria ser uma aliança para manter o poder, conforme explicava sua mãe.

Estudando bem, depois casaria com uma pessoa importante da minha terra [...]. Pelo lado do meu pai éramos descendentes dos mongóis mais reputados, a começar por Gengis e Kublai Khan. Eu não podia deixar tudo isso a perder com uma precipitação juvenil (PEPETELA, 2009, p.85).

É exposto no romance a forma como o internacionalismo é descrito pelo socialismo teórico e como ele é tratado na prática, pois “na fábula da vida, algumas misturas são toleradas” (PEPETELA, 2009, p.89), principalmente ao envolver a liderança política desse



movimento com alguém da raça africana, a qual utiliza estratégias militantes para favorecer os interesses particulares dos mesmos.

O internacionalismo se esvaece diante da impossibilidade desse amor entre uma socialista mongol e um angolano. As estratégias militares dos líderes políticos socialistas haviam se transformado em prática cotidiana para se resolver qualquer evento que não estivesse previsto pelo serviço moscovita de investigação (OLIVEIRA, 2014, p12).

O pai de Sarangerel, leva-a de volta a seu país natal, através do uso de seu poder ele proíbe a aprovação do visto de Júlio para a Mongólia impedindo que ele procure ou tenha qualquer tipo de notícias ou comunicação com sua Sarangerel e com a filha deles. Tornando assim o encontro possível somente depois de algumas décadas.

Júlio torna-se um participante ativo do movimento de libertação, lutando juntamente com o exército, sempre defendendo o socialismo, mesmo depois notar que as classes mais ignorantes, eram manipuladas pelas ideias socialistas que nunca deram certo na prática, e apenas tornavam as pessoas mais suscetíveis às luxúrias desenvolvidas pela liderança. Com o passar dos anos, já não se sentiam adaptáveis ao socialismo, o que ocasionou o seu fim.

O socialismo democrático tornou-se uma ideologia utópica diante da lógica de poder propagada nas nações socialistas, o poder burocrático estabelecia-se como um dogma excludente e repressor (OLIVEIRA, 2014, p.13).

As mudanças que o socialismo deveria adotar acabaram por não acontecer, sendo apresentado um total desequilíbrio social, o que fomentou a revolução que cessou a expansão socialista, o qual se caracterizou pelas manobras autoritaristas a favor das lideranças.

A obra de Pepetela veio ampliar o campo político descrito nas literaturas como um todo, através da representação das diferentes formas de governo durante o período da União Soviética, além de trazer uma reflexão sobre os erros ocorridos durante o regime socialista, ocasionando uma falta de estabilidade social e econômica no contexto pós-colonial de Angola.

5. Literatura e política em *O último voo do flamingo* de Mia Couto

A obra literária *O último voo do Flamingo* (2000) de Mia Couto relata a história de um inspetor da ONU (Nações Unidas), que se desloca até a vila de Tizangara em Moçambique, com o intuito de investigar eventos estranhos que ocorreram naquele local. A própria presença da ONU no país resgata os eventos históricos pós-independência, principalmente os conflitos



armados entre os movimentos político-militares que lutaram pela independência de Moçambique e posteriormente, pelas tentativas de tomada de poder.

É possível identificar elementos no livro que fazem conexões com a realidade dos Moçambicanos, promovendo uma ênfase na questão da discriminação da cultura regional, as guerras por territórios e a deturpação do poder público, criticando e aproveitando o imaginário do povo, de uma recordação da África como elemento criativo, indispensável para a produção literária (AURÉLIO, 2006).

Mulatos, não somos todos nós? Mas o povo, em Tizangara, não queria se reconhecer amulatado. Porque o ser negro - ter aquela raça - nos tinha sido passado como única e última riqueza. E alguns de nós fabricavam sua identidade nesse ilusório espelho (COUTO, 2005. p 19).

Inicialmente, de acordo com Segurado (2016) a obra decorre em relação aos depoimentos, e fatos que ocorrem no lugarejo. A princípio, soldados estrangeiros das “forças de paz” designados para lutar em combates nas zonas de conflitos explodem preliminarmente, sem explicações, deixando apenas seus órgãos genitores.

Seis soldados das Nações Unidas tinham-se eclipsado, não deixando nenhum traço se não um rio de delirantes boatos. Como podiam soldados estrangeiros dissolver-se assim, despoirados no meio da África (COUTO, 2005. p 20).

Demandando uma grande investigação, Massimo Risi é um italiano representante da ONU incumbido a acompanhar o caso. Como destaca Aurélio (2006), o italiano entra na história porque está cumprindo seu trabalho, sua função é descobrir como e por que soldados da ONU estão explodindo, e por que sobram somente o pênis e o capacete azul celeste. “Tenho que cumprir esta missão. Eu só queria receber a promoção que há tanto espero” (COUTO, 2005, p.40).

Dessa maneira, ele recebe um tradutor nativo de Tizangara destacado pelo governo local para acompanhar as pistas que contribuíssem para o esclarecimento da situação, e auxiliar em questões culturais da vila, portanto, tornando-se também em tradutor cultural para o representante da ONU.

Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que não entendo é esse mundo aqui (COUTO, 2005, p.40).

Entretanto, acaba usufruindo de fatos com pesares em aberto sobre uma guerra que não se cessa. A vila de Tizangara transforma-se numa metáfora de explosões e incompreensões que



podem também servir para o continente africano, os conflitos locais representam também as outras experiências africanas de guerra. Desse modo, não somente a presença estrangeira torna-se o centro de crítica da obra, mas também a responsabilidade dos governos locais pelos intermináveis conflitos étnicos e a constante batalha pelo poder local.

A guerra nunca partiu, filho. As guerras são como estações do ano: ficam suspensas, a amadurecer no ódio de gente miúda (COUTO, 2005, p.110).

Após a chegada de Massimo, é convocada a única meretriz do vilarejo, Ana Deusqueira, para efetuar uma análise do pênis decepado e dar o veredito se aquele órgão era de algum morador da vila, ou não.

- Essa coisa não pertence a nenhum dos homens daqui.
- Está certa?
- Com a máxima e absoluta certeza (COUTO, 2005. p 49).

Ao decorrer do enredo, o governante de Tizangara Estevão Jonas envia uma carta para o Chefe provincial no intuito de relatar os acontecimentos que se passam na vila. Em sequência, Risi dirige-se até a sede da administração para ouvir o depoimento de Ana Deusqueira sobre o suposto soldado que havia explodido.

[...] Os soldados estrangeiros explodem, sim senhor. Não é que pisam em mina, não. Somos nós, mulheres, engenhos explosivos. Não façam essa cara. Nós temos poderes, o senhor sabe. Ou já esqueceu das forças das terra? (COUTO, 2005, p 90).

Confuso, Risi e seu tradutor resolvem dar uma volta na vila, nesse momento, encontram o Hospedeiro. Ele é o irmão de Temporina, ao qual relata ao italiano os primeiros acontecimentos em relação às explosões, lembrando o sentimento de medo, e que se escondeu na floresta para se proteger.

A primeira vez que escutei os rebentamentos acreditei que a guerra regressava em suas tropas e tropéis. Meu pensamento tinha uma só ideia: Fugir (COUTO, 2005, p. 109).

E no decorrer do relato, Hospedeiro revela que no meio da selva avistou a sua falecida mãe. A qual perfaz a narração sobre o romance do Flamingo.

Havia um lugar onde o tempo não tinha inventado a noite. Era sempre dia, até que uma vez o flamingo disse:



- Hoje farei meu último voo!

As aves, desavisadas, murcharam. Tristes, contudo, não choraram. Tristeza de pássaro não inventou lágrima. Dizem: Lágrima dos pássaros se guarda lá onde fica a chuva que nunca cai.

Ao aviso do flamingo, todas as aves se juntaram. Haveria uma assembleia para se conversar o assunto. Enquanto o flamingo não chegava, se escutavam os pios em rodopios. [...]

O pnalta enfim chegou, e explicou - que havia dois céus, um de cá, voável, e um outro, o céu das estrelas, inviável para vooção. Ele queria passar essa fronteira. [...] Então o Flamingo se lançou, arco e flecha se crisparam em seu corpo. Ei-lo, eleito, elegante, se despindo do peso. [...] De repente, a todos pareceu que o horizonte se avermelhava. [...] Quando o flamingo se extinguiu, a noite estreou naquela terra (COUTO, 2005. pg. 114 e 115.).

No outro dia, o tradutor recebe a notícia que o Padre da cidade foi preso por suspeito de ser responsável pelas explosões. Juntamente com Massimo eles vão até a sede da administração ouvir o depoimento e dar seguimento na sua investigação. Contudo, acabam retornando à pousada ao perceberem que o sacerdote estava delirando. “O sacerdote falara muito e dissera pouco” (COUTO, 2005. p 126).

Após se passarem alguns dias, o tradutor entra no quarto e se depara com Risi arrumando sua mala e pronto para deixar o vilarejo de Tizangara, e após uma conversa ele resolve ir se despedir do pessoal da vila. Ao chegar à casa do Estevão Jonas, percebe-se uma grande gritaria, na qual, é possível identificar a voz de Ana Deusqueira alegando que o governante desviava o dinheiro enviado para a retirada das minas que restaram da última guerra, e que ainda plantava um maior número de minas para ficar recebendo dinheiro constantemente. A primeira dama da cidade chega ao local, e ao se deparar com o escândalo expulsa imediatamente Estevão Jonas da casa, e acolhe a prostituta.

Após a discussão, o tradutor vai informar as demais pessoas sobre o ocorrido, e ao se passar o tempo, Temporina o encontra e relata alvoroçada que o governante estava combinando com um comparsa para fugir, e se tentarem impedi-lo ele irá destruir a barragem local. Risi encontra-se com o tradutor e pede para que ele devolva a mocidade de Temporina, pois encontrava-se apaixonado por aquela moça. O feiticeiro falou que ele quebrou o encanto e, entretanto, o italiano não poderia levá-la consigo. “A terra guarda a raiz da gente, mas a mulher é a raiz da terra” (COUTO, 2005, p. 200).

Triste com a notícia, Massíssimo acaba entrando na estrada que se encontram as minas, porém, é guiado e salvo por Temporina. Durante a noite, Risi e seu tradutor resolvem ir visitar o velho Suplício, pai do nativo. Em meio a conversas, os três acabam dormindo do lado de fora da casa, e acabam sendo acordados com a saída de Suplício. Amanhecendo, o italiano resolve



escrever seu último relatório relatando que o país havia desaparecido. Logo em seguida rasgando-o e jogando-o ao vento e posteriormente, sentando-se à deriva de um precipício, desaparece junto com o país.

Desse modo, não somente os soldados estrangeiros se explodiram ao longo do enredo, como ao final também toda a terra se explodiu. A metáfora das explosões deve ser redimensionada para a história política do próprio país. Moçambique pós-independência defrontou-se com o desafio de lidar com a presença estrangeira em todas as esferas de poder do país, assim como, perceber os caminhos das novas gestões locais. A nova política moçambicana pós-independência pouco pôde ser modificada, uma vez que os interesses dos governos locais estavam também focados na exploração da população e no enriquecimento dos líderes políticos. Portanto, as práticas coloniais que motivaram todos os processos de guerra civil apenas foram substituídas de mão, pois as populações locais continuaram sofrendo com os conflitos políticos.

6. Aspectos da literatura engajada em *Bom dia Camarada* de Ondjaki

Bom dia camarada (2001) do escritor angolano Ondjaki é um romance narrado por um menino, a partir de sua percepção do que estava acontecendo em seu país no período pós-independência. Dessa forma há descrições pontuais das más condições enfrentadas pelas populações locais da região de Luanda, em Angola.

Em termos específicos da obra, o enredo torna-se um processo interativo entre memória e a história política do país, a lembranças de infância do autor se convertem em material ficcional ao personagem-narrador desse romance. A conturbada década de 1980 retrata a ascensão política do socialismo no país, e com ela a presença de estrangeiros vindos da União Soviética e Cuba. Assim, como uma ex-colônia de Portugal, Angola agora passava a ser guiada por outras mãos estrangeiras, a população defrontou-se com um novo momento político do país, contudo, os mecanismos de exploração e uso do poder político pelos governos locais tomam formas contraditórias e extremamente cruéis de sistema econômico, com roupagem socialista.

Como aponta Franco (2008) em seu estudo sobre o retrato da infância nessa obra de Ondjaki:

Ao fazer dialogar ficção e história, o romance do jovem Ondjaki relaciona-se com uma gama de romances angolanos (e não só) que, através de suas narrativas, contam, recontam e conversam a história do país, reavivando a memória do leitor para acontecimentos importantes. Estes textos literários dialogam com a história e com a memória, assumindo o papel de recuperar as várias realidades para torná-las ficção (FRANCO, 2008, p.89).



Assim, neste diálogo entre história, política e memória, o menino-narrador entra em contato com uma Luanda de desigualdade social extrema, marcada pela presença socialista da União Soviética, representada pela força militar e de Cuba pela colaboração educacional no país no período pós-independência. Dessa maneira, toda a construção ficcional dessa obra baseia-se nas transformações políticas de Angola, a independência de Portugal convertida em ditaduras socialistas e a continuidade dos conflitos armados apenas refletem o princípio de manutenção da exploração e da violência.

A percepção infantil sobre o contexto político e econômico angolano se constrói também pelo questionamento diante dos problemas causados pela presença estrangeira e a legislação nacional monopartidária que apenas reproduz as práticas políticas do passado colonial, portanto, o comportamento totalitário e repressivo apenas se reconfigura no país nas décadas seguintes à libertação colonial.

MAS, CAMARADA ANTÓNIO, tu não preferes que o país seja assim livre?
[...]

— Menino, no tempo do branco isto não era assim...

Depois, sorria. Eu mesmo queria era entender aquele sorriso. Tinha ouvido histórias incríveis de maus tratos, de más condições de vida, pagamentos injustos, e tudo mais. Mas o camarada António gostava dessa frase dele a favor dos portugueses, e sorria assim tipo mistério (ONDJAKI, 2006, p.17).

Quando ainda estava na época colonial não eram os angolanos que mandavam no país, mas os portugueses, o que não era o certo de acordo com a percepção do menino-narrador. Essa desigualdade de direitos entre colonizadores e colonizados era exposta tanto em salários quanto em outros aspectos cotidianos.

Em *Bom Dia Camaradas* (2001), o paralelo entre nativos e estrangeiros se fortalece como uma grande reflexão sobre as consequências históricas da presença dos colonizadores no país, seguidos por “camaradas” soviéticos e cubanos, até então, responsáveis em colaborar com a reconstrução do país pós-independência. Assim, o encontro do menino com sua tia Dada, vinda de Portugal, fortalece um diálogo enriquecedor para sua aprendizagem e compreensão do mundo em sua volta. O narrador passa a entender que a realidade do país é resultado de um processo político corrompido pela administração local. Os contrastes com a metrópole Portugal suscitam questionamentos muito relevantes para a sua tomada de consciência sobre a condição angolana.



__Não tenho nenhum cartão de abastecimento, em Portugal fazemos compras sem cartão.
__Sem cartão? E como é que controlam as pessoas? Como é que controlam, por exemplo, o peixe que tu levaste? – eu já nem lhe deixava responder.
__Como é que eles sabem que tu não levaste peixe a mais ?
__Mas eu faço as compras que quiser, desde que tenha dinheiro, ninguém me diz que levei peixe a mais ou a menos...
(ONDJAKI, 2006, p.49)

A incompreensão do menino-narrador reflete essa nova Angola que substituiu uma administração colonial após tantos conflitos armados por um sistema político pela presença de soviéticos e cubanos no governo local. O domínio socialista apenas reforçou um modelo de exploração e exclusão já praticado no país pelo empreendimento colonial, portanto, as mudanças políticas podem ser consideradas apenas um novo rosto para a mesma prática exploratória. A inocência do jovem transforma-se em consciência através do diálogo com os mais velhos, o camarada António e a tia Dada são os agentes dessa compreensão sobre a realidade. E o contraste histórico e social torna-se o grande ensinamento para o narrador.

Essa perspectiva mais crítica sobre a realidade de Luanda é construída ao longo da narrativa, a percepção somente torna-se entendimento após muitas conversas com os adultos e também com seus colegas de escola que provenientes de diferentes grupos sociais promovem a discussão sobre suas condições de vida.

As pessoas não ganhavam um salário justo, quem fosse negro não podia ser directo, por exemplo (ONDJAKI, 2006, 18).

Em referência à discriminação de raça as pessoas não tinham o mesmo direito em relação ao salário e isso nos mostra o quanto os negros continuaram com os mesmos problemas do período colonial do país. Há um diálogo no decorrer da narrativa entre o menino e o empregado, com importantes referências ao passado colonial, retratado a fim de contrastar com o momento atual na vida do jovem.

Eu já tou aqui há muito tempo, menino...inda o menino não era nascido (ONDJAKI, 2006, p.18).

O camarada António já havia passado por muita coisa na vida e dessa forma ele disse para o menino que mal sabia das coisas, por conta dele já ter passado por um país colonizado por portugueses e agora está passando por outro tipo de governo.



Antes da independência, eles que mandavam cá. Tu gostavas desse tempo? (ONDJAKI, 2006, p.19).

Dessa maneira, a aprendizagem pelo diálogo tornou-se a principal ferramenta do personagem narrador, pois através das perspectivas dos adultos, o menino busca compreender o mundo a sua volta, e seu encontro com a tia de Portugal o fez repensar seus conceitos e fazer alguns questionamentos sobre a condição angolana e de Portugal.

Mas eu faço as compras que quiser, desde que tenha dinheiro, ninguém me diz que levei peixe a mais ou a menos. (ONDJAKI, 2006, p.49)

Os direitos das populações angolana e portuguesa eram completamente diferentes e isso o fazia se questionar porque em Luanda não podia ser da mesma forma que em Portugal, poder fazer compras sem preocupar com limites impostos pelo governo central.

Segundo Duarte (2011), com esta personagem o narrador insere na discussão o olhar do europeu, ilustrado aqui pelas tendências capitalistas, pela displicência e, talvez, pela alienação em relação à crítica situação do país.

Essas conversas diárias que tinha com o camarada António e depois com sua tia de Portugal trouxeram esclarecimento sobre o contraste histórico e social de Angola. Através do diálogo entre o camarada António e tia Dada o menino conseguiu entender tudo que aconteceu e estava acontecendo em seu país.

7. Considerações finais

Em termos comparados, analisar as obras ficcionais das literaturas africanas, permite-nos observar como os fenômenos históricos e políticos se materializam dentro das narrativas. Assim, até mesmo como ferramentas de aprendizagem sobre a história dos próprios países africanos, a literatura com viés dialógico com os fatos políticos fornece elementos muito significativos para a construção de identidades nacionais e autoconhecimento. Com referência a literatura engajada africana, é possível identificar sínteses das lutas históricas das sociedades africanas, por meio das temáticas abordadas pelos seus escritores, como Mia Couto, Ondjaki, Pepetela e Chimamanda Adichie, que retratam a sua maneira, diferentes momentos do período pós-colonial do continente Africano.

Moçambique, Angola e Nigéria vivenciaram uma série de conflitos armados relacionados à política, ao território e aos conflitos étnicos, caracterizando uma população marcada pela



história de guerras. E após esse período de colonização, os escritores buscaram retratar um novo momento, ainda com profundas marcas do passado e com importantes desafios políticos e sociais no presente. Desse modo, empregando enfoques comparados, torna-se possível perceber o acentuado engajamento político a partir de importantes eventos que ocorreram nesses países, apresentando um quadro ficcional que evidencia uma breve relação entre a realidade e a representação literária.

8. Referências

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política**: literaturas de Língua Portuguesa no século XX. 2 ed. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2007.
- ADICHIE, C. N. **Hibisco Roxo**. 1ªed. São Paulo: Companhia de Letras, 2011.
- AURÉLIO, Marco. **O Último voo do Flamingo**: Quando o horror explode. **Revista Interletras**, Disponível em:
http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n6_n7/textos/ultimo_flingo.pdf
Acesso em: 15 de fev. 2018.
- CAMPOS, Juliana S. As manipulações das etnicidades como forma de controle, exploração e alienação em *Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Crioula USP** n° 16, dezembro 2015.
- CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas**. Lisboa: Ed. Veda, 1994,
- CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique**: Experiência colonial e territórios literários.
- COUTO, M. **O Último voo do flamingo**. 1ªed. São Paulo: Companhia de Letras, 2005.
- CUNHA, Anabela. **Processo dos 50**: memórias da luta clandestina pela independência de Angola. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/ras/543>> Acesso em: 02 mar. 2018
- DENIS, B. **Literatura e engajamento**: de Pascal a Sartre. São Paulo: EDUSC, 2002.
- DUARTE, Maria C. Bom dia Camaradas e o outro pé da Sereia: Memórias em Trânsito. In **Anais do SILEL** Vol. 2, N° 2. Uberlândia EDUFU, 2011.
- ESTEVAM, M. **Literatura e Política, de ontem e de hoje**. Disponível em:
<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/21075_arquivo.pdf> Acesso em: 10 de Janeiro de 2018.
- FONSECA, Maria N S. **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.
- FRANCO, Roberta G. **Bom dia camaradas e um retrato de uma (infância em) Angola**. Revista Abril da UFF, vol.1, n.1, Agosto de 2008. Disponível em
<http://www.uff.br/revistaabril/revista-01/010_Roberta.pdf> Acesso em Agosto de 2012.
- MEDEIROS, A.; PANTOJA, L. **Filosofia Existencialista e Literatura Engajada**: Entre Sartre e Simone de Beauvoir. Acesso em: 17 de fev. 2018.
- MEDEIROS, A.M. 2015. **Literatura Engajada**. Disponível em:
<<http://www.portalconscienciapolitica.com.br/products/literatura-engajada/>> Acesso em: 10 de Janeiro de 2018.
- MÜLLER, F.O. **Florescer das vozes na tradução de Purple Hibiscus, de Chimamanda Ngozi**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) - Departamento de Línguas Estrangeiras e tradução. Universidade de Brasília (UnB), Brasília.



- OLIVEIRA, Maria A. C. Deslocamentos e estratégias de resistência em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e Hibisco Roxo, de Chimamanda Ngozi Adichie. In **Anais do SILEL** vol. 3, nº 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- OLIVEIRA, Adilson V. Literatura e política: as contradições do socialismo em “O planalto e a estepe”. **Revista Ecos** vol. 16, Ano XI; nº 01, 2014,
- ONDJAKI. **Bom dia Camaradas**. 1ªed. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- PARANHOS, Kátia. **História, teatro e política**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- PEPETELA. **O planalto e a estepe**. 1ªed. São Paulo: Leya, 2009.
- POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.
- RANCIÈRE, J. The Politics of Literature. **SubStance**, Issue 103 Vol. 33, nº1, pp. 10-24, 2004.
- SAID, Edward. **Cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- SANTOS, B. As literaturas pós-coloniais da África Lusófona. In: ALMEIDA, Júlia; et al. **Crítica pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- SEGURADO, Rosemary. **O Último voo do Flamingo: A poética política de Mia Couto**. Revista Aurora, 2016 Acesso em: 16 de fev. 2018. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/6354/4658>>
- TEÔTONIO, R.C.A. **Por uma modernidade própria: o transculturalismo nas obras de Hibisco Roxo, de Chimamanda Ngozi Adichie, e O Sétimo juramento, de Paulina Chiziane**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Departamento de Letras e Arte, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 2013.
- Cotia- SP: Ateliê Editorial, 2005.